

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA  
SEMINÁRIO DE PESQUISA

# CADERNO DE RESUMOS SEMINÁRIO DE PESQUISA 2021.2

*Eles querem saber o que eu faço com meu tempo.  
Eu digo a eles que às vezes me sento em penso.  
Mas não lhes digo em quê.  
Eles que descubram.*

(Ray Bradbury, Fahrenheit 451)

SALVADOR 2021



## SEMINÁRIO DE PESQUISA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA UFBA 2021.02

### **Organizadores**

Bethânia Alves Pereira de Souza  
David Velanes  
Gustavo Negreiros Oliveira Teixeira  
Marcelo Santana dos Santos

### **Professores Responsáveis**

Prof. Dr. Emiliano Boccardi  
Prof. Dr. Pedro Augusto da Costa Franceschini

### **Coordenação do Curso**

Prof. Dr. Marco Aurélio Oliveira da Silva - Coordenador  
Prof. Dr. Rafael Lopes Azize – Vice Coordenador

### **Assistente Administrativo**

Fábio Sales  
Ivana Carvalho Marins

**Realização: Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Bahia**

**Imagem de Fundo  
FRIDA KAHLO**

# SUMÁRIO

Apresentação .....	06
--------------------	----

## LINHA DE PESQUISA – EPISTEMOLOGIA E FILOSOFIA DA LINGUAGEM

01. O problema da representação em Tomás de Aquino .....	07
<i>Gilson Damasceno Linhares</i>	
02. Descartes: pureza del método y el conocimiento de la “naturaliza” de um problema geométrico .....	07
<i>Guillermo Nigro Puente</i>	
03. A ontologia no Tractatus .....	08
<i>Juan Erle Cunha Oliveira</i>	
04. O perspectivismo nietzschiano sob a ótica da vontade de potência .....	09
<i>Mônica Souza de Oliveira</i>	
05. A dimensão positiva do silenciamento epistêmico .....	09
<i>Rodrigo Gottschalk Sukerman</i>	
06. Como conhecer o que está para além dos sentidos? Uma questão em Tomás de Aquino .....	10
<i>Saulo Matias Dourado</i>	

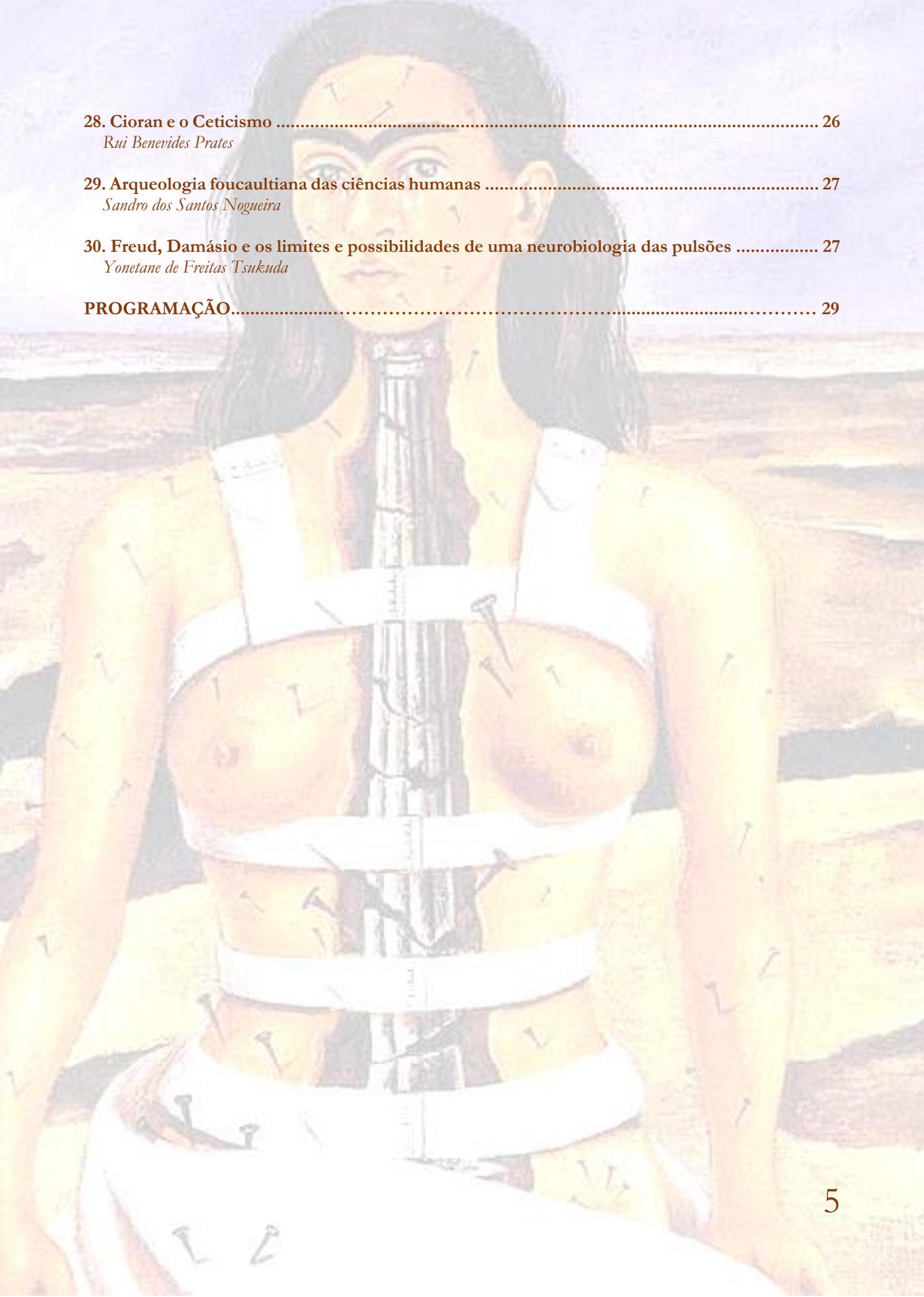
## LINHA DE PESQUISA – FILOSOFIA E TEORIA SOCIAL

07. <i>Homo Sacar Poenalis</i> : A (des)contituição do sujeito bio-tanato-necropolítico nos sistemas penais contemporâneos .....	11
<i>Agláé Caroline Santos Carneiro</i>	
08. Consciência da Liberdade em Hegel e o Atlântico Negro .....	12
<i>Alan Brandão de Moraes</i>	
09. O suicídio altruísta: O sacrifício por amor puro na filosofia de Schopenhauer .....	12
<i>Alex Nascimento Andrade dos Santos</i>	
10. Governo e prática de liberdade em Foucault .....	13
<i>Ana Lúcia dos Santos e Santos</i>	
11. A ontologia da vida cotidiana: contribuições e limites da análise lukacsiana .....	13
<i>André Figueiredo Brandão</i>	
12. Contra Platão: a crítica à República na Antiguidade .....	14
<i>Carlos Augusto de Oliveira Carvalhar</i>	
13. Jürgen Habermas e o progresso técnico-científico .....	15
<i>Flávio Ferreira de Souza</i>	

<b>14. Ponto de vista, elevação e consciência em Alberto Guerreiro Ramos .....</b>	<b>16</b>
<i>Igor Lucas Adorno Santos</i>	
<b>15. Nietzsche e Darwin: tensões e interseções entre genealogias .....</b>	<b>16</b>
<i>José Carlos Rocha Costa</i>	
<b>16. “Faz por ti que te ajudarei”, disse o deus mercado .....</b>	<b>17</b>
<i>Leonardo Rodrigues Almeida</i>	
<b>17. Algumas considerações sobre as supostamente diferentes abordagens de Marx e de Engels sobre o método, chave interpretativa para a concepção de dialética para Engels .....</b>	<b>18</b>
<i>Luan Luiz Pereira Batista</i>	
<b>18. Pele negra, digitopia e imagem (in)corpórea da diáspora .....</b>	<b>19</b>
<i>Luíze Santos Queiroz</i>	
<b>19. Mundo e pluralidade: Heidegger, Jaspers e as bases existenciais-fenomenológicas da ontologia arendtiana .....</b>	<b>20</b>
<i>Marcus Gabriel Miranda Santos</i>	
<b>20. A noção de raça, o homem e os monstros em Achille Mbembe e Michel Foucault .....</b>	<b>20</b>
<i>Rafaela Borges da Silva Vitorio</i>	
<b>21. A genealogia do Estado e o Direito em Nietzsche .....</b>	<b>21</b>
<i>Renel Albuquerque da Silva</i>	
<b>22. Democracia capitalista e liberdade: antítese ou paradoxo? .....</b>	<b>22</b>
<i>Simone Borges dos Santos</i>	

## LINHA DE PESQUISA PROBLEMAS DE FENOMENOLOGIA E HERMENÊUTICA

<b>23. Os limites da razão abstrata em Schopenhauer .....</b>	<b>23</b>
<i>José Clerison Santos Alves</i>	
<b>24. A falta de sentimento de pertencimento e a contradição da posição social no Brasil via uma ótica honnethiana .....</b>	<b>23</b>
<i>Marcelo Vinicius Miranda Barros</i>	
<b>25. O cinema e a potência do pensamento imagético: uma investigação ontológica, de Virginia Woolf a Gilles Deleuze .....</b>	<b>24</b>
<i>Maria Cândida Neres Batista</i>	
<b>26. O papel da linguagem na definição da continuidade e da ruptura entre as condições humana e animal em Condillac .....</b>	<b>24</b>
<i>Mariana Moreira da Silva</i>	
<b>27. A mundanidade do mundo em Ser e Tempo: o Dasein como formador de mundo .....</b>	<b>25</b>
<i>Natan Luiz Neri de Souza</i>	



28. Cioran e o Ceticismo ..... 26  
*Rui Benevides Prates*

29. Arqueologia foucaultiana das ciências humanas ..... 27  
*Sandro dos Santos Nogueira*

30. Freud, Damásio e os limites e possibilidades de uma neurobiologia das pulsões ..... 27  
*Yonetane de Freitas Tsukuda*

PROGRAMAÇÃO..... 29

## APRESENTAÇÃO

O Seminário de Pesquisa do Programa da Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal da Bahia é uma atividade acadêmica desenvolvida pelo Colegiado do Curso que visa promover em âmbito interno o encontro das e dos estudantes do programa, ao tempo que traz ao público parte das pesquisas que são desenvolvidas nos semestres em curso. Essa atividade consta como parte da grade curricular de integralização dos cursos de Mestrado e Doutorado do PPGF e é organizada prioritariamente pelos estudantes sob a responsabilidade de dois docentes indicados pelo Colegiado. Para este Seminário foram selecionados 30 (trinta) trabalhos divididos a partir das três linhas de pesquisa do programa: (1) Epistemologia e Filosofia da Linguagem, (2) Filosofia e Teoria Social e (3) Problemas de Fenomenologia e Hermenêutica.

Os trabalhos do Seminário de Pesquisa de 2021.2 estão indicados no sumário por ordem alfabética da linha de pesquisa seguido dos nomes dos discentes das referidas linhas. Nas notas de rodapé estão sinalizados o curso (no caso, Mestrado ou Doutorado), o nome dos orientadores, composto por professores permanentes e professores colaboradores que integram o corpo docente, bem como os contatos dos autores responsáveis pelos trabalhos. Ressaltamos que muitas destas pesquisas estão em fase de iniciação ou em andamento; tais pesquisas a serem apresentadas, desse modo, estão num processo ainda inconcluso - mas guardando, acima de tudo, o rigor e cuidado necessário da pesquisa filosófica. O Seminário de Pesquisa, diante disso, é um espaço para apresentação de trabalhos em curso que se constitui como tempo e local privilegiado de aprendizado pois as/os estudantes têm a oportunidade de divulgar e debater suas pesquisas.

Pretende-se, com a organização deste caderno de resumos, apresentar parte dos trabalhos que vem sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFBA dentro das exigências que são colocadas segundo as orientações da Comissão Organizadora do Seminário de Pesquisa. Cremos que se não atingimos todo o objetivo nessa organização, parte dele fora alcançado na medida em que procuramos atender as normativas de forma transparente e coletiva.

Por fim, agradecemos a todas e todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização dessa atividade no contexto da Pandemia do COVID-19 (SARS-CoV-2). Deixamos aqui nossos sentimentos de estima e respeito por todas as ausências causadas por esta pandemia.

Desejamos a todas e todos uma boa leitura e um bom Seminário de Pesquisa 2021.2.

## LINHA DE PESQUISA – EPISTEMOLOGIA E FILOSOFIA DA LINGUAGEM

### O problema da representação em Tomás de Aquino

*Gilson Damasceno Linhares<sup>1</sup>*

No que diz respeito à relação entre o conceito enquanto entidade mental e a coisa extra mental, Tomás afirma que ambos se relacionam pela semelhança que há entre eles. O conceito é o modo como o conteúdo formal da coisa externa passa a existir no intelecto humano. A partir de meados do século XX, se inicia um debate interpretativo sobre o sentido adequado ao termo similitude, os realistas diretos interpretam a semelhança como uma identidade formal entre o conceito e a coisa extra mental. Com base nessa interpretação nosso conhecimento sobre a coisa extra mental é direto, pois a coisa passa a existir, ainda que sem matéria, no nosso intelecto, portanto, para que se realize o conhecimento basta o cognoscente e a coisa extra mental. A outra possibilidade interpretativa é o representacionalismo que entende o conceito como uma representação mental da coisa externa. A relação epistêmica envolve três elementos básicos, a saber, o cognoscente, a representação mental (conceito) e a coisa extra mental. Portanto, nosso conhecimento seria intermediado por um símbolo mental. Porém, uma questão fundamental pode ser levantada na teoria da cognição de Tomás, isto é, há uma distinção ontológica entre o conceito e a coisa extra mental. A diferença ontológica gera um problema epistêmico, se o conteúdo do conceito é distinto da coisa extra mental, então não podemos conhecer intelectualmente a essência da coisa. A diferença ontológica entre estes dois entes supracitados nos faz rejeitar a tese da identidade formal defendida pelos realistas diretos, direcionando nossa atenção para a interpretação representacionista. Precisamente, a exposição desta distinção ontológica entre a coisa extra mental e o conceito serão nossos alvos nesta apresentação, afim de esclarecer o problema central da representação na teoria do conhecimento do aquinate. Tentaremos expor o duplo modo de apreender a coisa extra mental que Tomás apresenta ao longo de suas obras, a saber, a apreensão sensível e a inteligível.

Palavras-chave: coisa extra mental; conceito; imaterialidade; representação mental; semelhança.

### Descartes: pureza del método y el conocimiento de la “naturaleza” de um problema geométrico

*Guillermo Nigro Puente<sup>2</sup>*

Dentro de la filosofía de la práctica matemática, la cuestión de la *pureza del método* ha ido ganando un lugar en las agendas de investigación y publicaciones. Usualmente se caracterizan los métodos puros por relación a las demostraciones o soluciones en los que se emplean; así, las soluciones/demostraciones puras son *intrínsecas* al contenido los problemas/teoremas. Por otro lado, un recurso metodológico es “impuro” si resulta *ajeno* al problema/teorema. Dado que “intrínseco” y

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pelo programa de pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio Oliveira Silva. Contato: linhares753@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorando em Filosofia pelo programa de pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientador: Prof. Dr. Abel Lassalle Casanave. Contato: guillenigropuente@gmail.com

“ajeno” pueden entenderse como una relación tópica (o semántica), resulta usual hablar de “pureza tópica”. De esta manera, las soluciones/demostraciones “tópicamente puras” son intrínsecas al *tópico* del problema/teorema en cuestión. Un ejemplo clásico, significativo en la geometría de principios del siglo XIX, es la creencia de que, en el estudio de las propiedades de las figuras geométricas, los usos de los sistemas de coordenadas son “extraños” o, en palabras de Chasles en su *Aperçu*: “auxiliaire et artificiel” (Chasles, 1989, p. 119). En esta exposición, sugiero que podemos reconocer un requisito “purista” para solucionar problemas geométricos en Descartes. En particular, la representación algebraica de problemas geométricos permitiría: i) *determinar* lo que se busca a partir de lo dado conocido, ii) expresar la *relación* entre lo dado y lo que se busca, y iii), clasificar el problema de forma tal que a dicha clasificación le corresponda un tipo especial de curva (es decir, *medio*) para solucionarlo. Así pues, las características i) y ii) nos dicen que lo que debemos hallar para solucionar el problema es *intrínseco* a lo dado en el problema; por otra parte, la característica iii) nos informa acerca de los *medios* para su solución que son intrínsecos al mismo. Finalmente, Descartes dice en diversos lugares que el conocimiento de la representación algebraica de problemas geométricos, es el conocimiento de su *naturaleza*, siendo esto lo que propiamente puede llamarse *scientia*; por lo tanto, las soluciones puras son soluciones que arrojan un tipo especial, a saber, *scientia*.

Palavras-chave: Álgebra; Descartes; Scientia; Problemas geométricos; Pureza del método.

## A ontologia no *Tractatus*

Juan Erle Cunha Oliveira<sup>3</sup>

Uma proposição, para ser proposição, constitui-se como em relação com o mundo. De todo modo, esse tipo de articulação, no *Tractatus*, deve ser de tal maneira que faça prosperar o mesmo estatuto lógico, seja a proposição verdadeira ou falsa. Uma proposição falsa, por exemplo, que não alcança nenhum fato, porque falsa, deve usufruir da mesma relação com o mundo que é contemplada em proposições verdadeiras. Mas, perguntar-se-ia, como se ancora uma proposição falsa se o mundo é tudo que é o caso? (1) A diferença entre uma proposição em relação ao seu valor de verdade não é essencial, de modo que a explicação acerca da articulação com o mundo deve ser tomada por outro caminho. A resposta talvez esteja na compreensão ontológica do *Tractatus*, a algo que é anterior a constituição de qualquer proposição: os objetos. À afirmação de que Wittgenstein nunca deu exemplo de objetos simples deve ser acompanhada de algumas ponderações extraídas do livro. Existem razões lógicas para isso: uma delas é que tais exemplificações significariam arrematar, de uma só vez, a referência a que os nomes estão associados. Isso contraria o princípio tractariano no qual a identidade do objeto com o sinal é determinada no contexto da proposição, onde outros objetos são também implicados. Assim, da inecessidade de exemplificações, os objetos são necessários à essência da proposição através de seus símbolos. Neste sentido, a apresentação tem como objetivo traçar um perfil da ontologia presente no *Tractatus* para compreender o conceito de proposição, além de colocar em evidência a “ontologia dos indiscerníveis” de 2.0231/2.024. Pretende-se mostrar que a articulação entre mundo e linguagem é tributária da subsistência de objetos simples e, como tais, devem ser indiscerníveis.

---

<sup>3</sup> Mestrando em Filosofia pelo programa de pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientador: Prof. Dr. João Carlos Salles Pires da Silva. Contato: [juan.erle@gmail.com](mailto:juan.erle@gmail.com)

Palavras-chave: Ontologia; Tractatus; Wittgenstein.

## **O perspectivismo nietzschiano sob a ótica da vontade de potência**

*Mônica Souza de Oliveira<sup>4</sup>*

O propósito central da pesquisa consiste em abordar o perspectivismo nietzschiano apoiado na noção de vontade de potência. Em geral, trata-se de ressaltar que, no entender de Nietzsche, tudo que conhecemos parte de um ponto de vista de apreciação humano ou, se quiser, de uma interpretação inteiramente subjetiva sobre a realidade. No fundo, de acordo com a ótica do autor, tudo que existe está determinado pela vontade de potência. Tal noção é a base da filosofia de Nietzsche, a qual revela que todo conhecimento está determinado por uma relação conflitual entre forças. Cada configuração de forças direciona esta ou aquela perspectiva. Em rigor, toda interpretação é signo de uma interação entre forças e, por isso, o pensador entende que quem interpreta é a vontade de potência e nada mais.

Palavras-chave: Nietzsche; Perspectiva; Vontade de potência.

## **A dimensão positiva do silenciamento epistêmico**

*Rodrigo Gottschalk Sukerman<sup>5</sup>*

O objetivo desta comunicação é defender uma dimensão positiva de determinados silenciamentos epistêmicos. Em primeiro lugar, devemos considerar que o silêncio é parte constituinte da comunicação – por exemplo, o intervalo necessário entre dizer e não dizer para ouvirmos e entendermos o que outras pessoas dizem. Por outro lado, o silêncio também pode manifestar uma ação aos nossos interlocutores – por exemplo, um modo de demonstrar, intencional ou não-intencionalmente, que estamos assentindo ao que outra pessoa diz. Por sua vez, o silenciamento corresponde a um silêncio imposto, isto é, uma ação externa que nos compele a não nos expressarmos em relação a um determinado assunto. Neste sentido, se considerarmos a comunicação como um elemento necessário para o pleno usufruto da nossa agência epistêmica, em que medida o silenciamento poderia desempenhar uma dimensão positiva? Talvez, a parte mais difícil de defender uma dimensão positiva do silenciamento seja não entrar em contradição com o direito à liberdade de expressão. Poder manifestar uma opinião publicamente, como princípio, é uma garantia de que não seremos censurados pelos nossos credos, para que possamos expressar e defender aquilo que constitui a nossa identidade. Entretanto, o direito à liberdade de expressão não permite que digamos o que quisermos, para qualquer pessoa e em qualquer situação, afinal, palavras são ações. Fazer uma declaração irresponsável pode comprometer a vida das pessoas – seja transmitindo uma mensagem

---

<sup>4</sup> Doutoranda em Filosofia pelo programa de pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientador: Prof. Dr. Jarlee Oliveira Silva Salviano. Contato: moni.br@hotmail.com

<sup>5</sup> Doutorando em Filosofia pelo programa de pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientador: Prof. Dr. Waldomiro José da Silva Filho. Contato: rodrigogottschalk@gmail.com

falsa e confundindo as pessoas, ordenando uma ação criminosa ou violando a integridade de um grupo através de discursos classistas, racistas ou sexistas. Partindo destas discussões, argumentarei que o silenciamento positivo é um tipo de imposição de silêncio que se compromete com o bem coletivo e, portanto, visa a garantir a integridade e dignidade das pessoas, mesmo aquelas que propagam crenças e comportamentos perniciosos. Neste sentido, o traço distintivo do silenciamento positivo é o seu caráter pedagógico, qual seja, ensinar e pressionar os violadores de agência epistêmica a assumir compromissos com outras pessoas e serem responsabilizados pelas suas ações antidemocráticas.

Palavras-chave: Dignidade da Pessoa Humana; Resistência Epistêmica; Silenciamento Epistêmico.

## Como conhecer o que está para além dos sentidos? Uma questão em Tomás de Aquino

Saulo Matias Dourado<sup>6</sup>

Tomás de Aquino sustenta um conhecimento inteligível a partir dos entes materiais. O intelecto, que é de certo modo agente e é de certo modo passivo, processa por *abstração* do ente em contato com o cognoscente uma parte do conteúdo, tornando aquilo que é sentido uma *fantasia* (*phantasmata*), isto é, um modo de representação do ser. O conceito, que se constrói a partir dos singulares e dos particulares, alcança a universalidade também via intelecto. Se a ciência é mesmo o conhecimento dos universais, como já pretendia Platão, não há necessidade de eliminar a natureza pertinente dos singulares. Pelo singular mesmo é possível fazer ciência, desde que o intelecto seja o agente da imaterialização dos materiais individuantes pela abstração mesma de torná-los universais, cada qual em seu princípio comum. O que se faz, então, é conhecer através da matéria, é pôr a alma como intermediário daquilo que se inicia sensivelmente. Na *Suma Teológica*, na questão 84 (Ia, Q. 84, a.7), Tomás de Aquino compara o intelecto angélico com o intelecto humano, para dizer que, se o primeiro tem como objeto próprio a substância inteligível, por ser ele mesmo um ser separado da matéria corpórea, o ser humano tem como seu objeto de conhecimento os entes sensíveis, por estar na composição de um corpo. É a partir do contato de sua natureza sensível com os objetos táteis e visíveis que o homem conhece. A abstração, já presente em *Ente e Essência*, compõe a passagem do sensorial para a imagem e para os universais, a fim de que ele consiga afirmar proposições de substâncias inteligíveis. Contudo, seria capaz o intelecto humano de ter conhecimento daquilo que nunca se apresentou antes aos entes materiais, isto é, as substâncias imateriais, como a alma, Deus, o intelecto em si? As substâncias imateriais, por sua vez, não são compostas de matéria sensível, não partem dos entes; são diretamente inteligíveis. Não procedem por abstração, nunca partiram do ente material, pois são separadas por princípio, como Deus, os anjos e o intelecto em si. O conhecimento, assim, precisa de outra via para apreendê-las.

Palavras-chave: sensação; Tomás de Aquino.

---

<sup>6</sup> Doutorando em Filosofia pelo programa de pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio Oliveira Silva. Contato: saulomdourado@gmail.com

## LINHA DE PESQUISA – FILOSOFIA E TEORIA SOCIAL

### *Homo Sacar Poenalis: A (des)contituição do sujeito bio-tanato-necropolítico nos sistemas penais contemporâneos*

*Aglaé Caroline Santos Carneiro<sup>7</sup>*

A passagem do status de “pessoa comum” para “sujeito condenado”, ou melhor, a nova constituição do sujeito no campo penal (como homo sacer poenalis), a partir da prolatação da sentença penal condenatória, não ocorre de maneira automática pela adjudicação solene daquele indivíduo como tal. Existe todo um sistema jurídico-político erigido no sentido de selecionar sujeitos específicos para compor espaços de classificação e separação: uma vez condenados, deixam-se der homines sacri pura e simplesmente, para sofrer uma dupla vulnerabilização – se antes unicamente pela precariedade inata causada pelos tempos contemporâneos, agora também em razão da penalização. A partir da proposta, portanto, de que a sentença penal condenatória é representante da voz estatal e também é documento jurídico de atestado da nova subjetividade constituída (“nasce o homo sacer poenalis – o sujeito penal”), cabe compreender, como objetivo geral, as possibilidades de desconstituir essa forma de vida interrompida – vida nua ou barrada em suas potencialidades políticas. Para isso, pretende-se organizar o trabalho de tese em três momentos, os quais correspondem aos seguintes objetivos específicos: um primeiro, no qual se expõe de maneira geral sobre a relação entre indivíduo e coletividade a partir de Freud e Nietzsche; um segundo, em que o sujeito e a comunidade sobre os quais se estuda são delimitados (o condenado ou homo sacer poenalis, de um lado, e o sistema penal, de outro); e, por fim, buscar-se-á solucionar o problema das possibilidades de resistência e transposição da subjetividade erigida no campo penal. Pretende-se utilizar o seguinte referencial teórico: Freud, com *Mal Estar da Civilização*; Nietzsche, com *Gaia Ciência e Vontade de Potência*; Agamben, com *Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua*; Foucault, com *Teorias e Instituições Penais, A sociedade punitiva, Subjetividade e Verdade, A Hermenêutica do Sujeito e O Governo de Si e dos Outros*; e Butler, com *Vida Precária; A vida psíquica do poder; Quadros de Guerra; Relatar a si mesmo; Corpos em aliança e a política das ruas*; e *A força da não violência*. As obras previamente selecionadas podem sofrer alterações. O trabalho possuirá metodologia bibliográfica e a análise de dados será qualitativa. A exposição no seminário é sobre o que se pretende executar ao longo das pesquisas para a execução da tese de doutorado, incluindo caminho teórico-metodológico e temáticas a serem abordadas. A justificativa é a necessidade de buscar alternativas às práticas de barramento e reconstituição da subjetividade executadas por instituições estatais e a serviço de uma política de dominação, classificação e hierarquização de vida e de morte. E, por derradeiro, todo o trabalho será executado

---

<sup>7</sup> Doutoranda em Filosofia pelo programa de pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientadora: Profa. Dra. Juliana Aggio. Contato: aglaeccarneiro@gmail.com

partindo de um problema de pesquisa que pode ser resumido através da seguinte reflexão: como vislumbrar possibilidades de desconstituição do homo sacer poenalis?

Palavras-chave: Práticas de Si; Sujeito; Resistência; Tanatopolítica; Técnicas de Dominação.

## **Consciência da Liberdade em Hegel e o Atlântico Negro**

*Alan Brandão de Morais<sup>8</sup>*

A releitura da modernidade proposta por Paul Gilroy envolve uma análise profunda sobre a cultura negra produzida a partir da triangulação atlântica entre América, Europa e África fruto da escravização e colonização. Para Gilroy, a modernidade, para além de ser um projeto teórico e um conjunto de promessas que emerge de pensamentos e processos históricos exclusivamente europeus, ela seria um projeto que surge na cultura atlântica envolvendo intelectuais negros que, refletindo a partir das margens da condição escravista, trazem elementos críticos das promessas da modernidade que, atualmente, poderiam reoxigenar a decadência da modernidade denunciada por Adorno e Horkheimer. Essa mirada para a intelectualidade do Atlântico negro envolve uma interpretação alternativa do pensamento hegeliano que pretendemos analisar aqui. Conhecido pela filosofia do espírito enquanto processo de realização da autoconsciência da liberdade a partir da história, Hegel também formulou uma noção sobre os negros como seres humanos alheios a História por não terem conseguido alcançar essa consciência da liberdade em processos endógenos, diferentemente de outros povos históricos, como os europeus. Sendo assim, este artigo busca explorar as releituras de Hegel feitas por intelectuais negros citados por Gilroy como elementos para uma crítica da modernidade que pensa a partir de fora da Europa.

Palavras-Chave: Colonialismo; Consciência; Escravidão; Liberdade.

## **O suicídio altruísta: O sacrifício por amor puro na filosofia de Schopenhauer**

*Alex Nascimento Andrade dos Santos<sup>9</sup>*

O suicídio é considerado como ato inútil e insensato por Schopenhauer que, segundo ele, trata-se de uma ação própria da afirmação da Vontade, ou seja, uma ação imoral dentro da sua ética. Se o ser humano é ávido em afirmar a Vontade de maneira egocêntrica e puramente individual, então as suas atitudes originárias são egoístas. Tendo em vista que Schopenhauer vê apenas o suicídio do asceta por inanição quando este alcança o grau máximo da negação da Vontade como a única maneira de escolher a morte com algum valor moral, por ser a própria negação da vontade, a pesquisa visa ao alcance das

---

<sup>8</sup> Doutorando em Filosofia pelo programa de pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientador: Prof. Dr. Vinicius dos Santos Contato: alan.filos@gmail.com

<sup>9</sup> Mestrando em Filosofia pelo programa de pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientador: Prof. Dr. Jarlee Oliveira Silva Salviano. Contato: andrade.alex@gmail.com

respostas para algumas indagações. Seria imoral o caso em que, por um ato de pura compaixão e altruísmo, alguém escolhesse morrer em função da sobrevivência de uma outra pessoa ou de diminuir o seu sofrimento? O filósofo, em seu *Sobre o fundamento da moral*, propõe serem os atos exercidos por compaixão a única fundamentação para uma atitude moral. A compaixão (assim como o ascetismo), é a negação da sua vontade voraz e, então, essencialmente moral. Aquele que sacrifica a sua própria vida por outro estaria agindo de forma compassiva? O filósofo alemão difere o amor erótico (que seria uma manifestação genuína da Vontade em procriar) do amor caridoso, o amor compassivo. O sentimento da compaixão é o fundamento da moral schopenhaueriana e, segundo ele, toda compaixão é amor. Não seria o amor motivador da ação do suicídio altruísta também uma ação compassiva? Esta pesquisa tentará responder essas questões investigando se, neste suicídio altruísta, possui uma motivação que o configure como uma atitude virtuosa e, portanto, moral sob a ótica do pensamento de Schopenhauer.

Palavras-Chave: Autossacrifício; Compaixão; Ética Schopenhauer; Suicídio.

## **Governo e prática de liberdade em Foucault**

*Ana Lúcia dos Santos e Santos<sup>10</sup>*

O presente texto busca analisar a possibilidade de um deslocamento no pensamento de Foucault, no que concerne refletir a passagem das análises sobre o poder/relações de poder para o esboço de uma noção de governo pela verdade a partir de mecanismos e procedimentos destinados a conduzir os homens, ou seja, a dirigir a conduta dos homens. Desse modo, tomaremos como mote a relação entre à noção de governo e a manifestação da verdade, as quais se desenvolvem a partir de técnicas de si, e coloca o governo enquanto aspecto ético, que consiste na análise da formação do sujeito a partir da relação consigo próprio. Trata-se de problematizar a produção de uma história dos diferentes processos de composição da subjetividade humana, ou seja, do sujeito moderno, que nos apresentem possibilidades para uma *filosofia crítica* - o momento em que o sujeito se dá o direito de interrogar os efeitos dos discursos de verdade pelo exercício do poder. Nessas condições as técnicas de si, se apresentam no formato de uma experiência de si que possibilita a construção de uma relação consigo a partir de exercícios regulares. A partir de um jogo de verdade que questiona o indivíduo que é sujeito e objeto de si mesmo, que se dá a partir da prática de governo sobre si mesmo.

Palavras-chaves: crítica; Governo; prática; poder; sujeito.

## **A ontologia da vida cotidiana: contribuições e limites da análise lukacsiana**

*André Figueiredo Brandão<sup>11</sup>*

---

<sup>10</sup> Doutoranda em Filosofia pelo programa de pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientadora: Profa. Dra. Juliana Aggio. Contato: [lourinha.ana@hotmail.com](mailto:lourinha.ana@hotmail.com)

<sup>11</sup> Doutorando em Filosofia pelo programa de pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientador: Prof. Dr. Vinicius dos Santos Contato: [andrefbrandao96@gmail.com](mailto:andrefbrandao96@gmail.com)

Uma vez que o projeto inicial de doutorado, em torno das contribuições lukacsianas para um humanismo concreto, foi preterido, em favor de uma investigação acerca da ontologia espontânea dos tempos atuais, a primeira atividade teórica empreendida na pesquisa procurou identificar de que maneira a obra do filósofo húngaro poderia auxiliar uma iniciativa de tal natureza. Para tanto, a pesquisa buscou não só se valer de uma revisão dos estudos da obra tardia de Lukács realizados no mestrado, como também da leitura rigorosa e tradução de textos do filósofo ainda inéditos no Brasil, só agora publicados em língua portuguesa. É de sua autoria o conceito de ontologia da vida cotidiana, formulação que guia esta pesquisa. Com ele, a ontologia espontânea pode ser entendida como um móvel que produz e que é produzido pela dinâmica de uma dada sociedade, em meio aos atritos dos sujeitos entre si. Neste primeiro momento, também foi possível identificar quais seriam as insuficiências das produções lukacsianas para o estudo pretendido, seja pela sua falta de apropriação do instrumental psicológico já disponível na sua época, seja pelo fato de que as atuais construções subjetivas respondem a complexos sociais ainda não existentes no seu tempo. Entretanto, será justamente a perspectiva inaugurada por Lukács que servirá como base para a proposição de um novo imaginário, uma contraimagem das condições hoje postas, a partir da sua compreensão do futuro como um problema da práxis histórica, perspectiva que não representa uma queda em uma especulação utópica, na medida em que ela extrai as suas formulações de uma mediação com as tendências objetivas do presente que apontam para um novo mundo.

Palavras-chave: Lukács; Marxismo; Ontologia da vida cotidiana.

### **Contra Platão: a crítica à República na Antiguidade**

*Carlos Augusto de Oliveira Carvalhar*<sup>12</sup>

A apresentação se propõe a discutir sobre como as ideias políticas presentes na *República* de Platão foram abordadas em distintos períodos da Antiguidade, percorrendo a Grécia Clássica, o período Romano e o início do Império Bizantino. O foco central será a discussão que envolve as semelhanças entre as comédias de Aristófanes e algumas passagens da *República*, bem como a crítica aristotélica presente no segundo livro da *Política*. A comédia debocha de ideias que aparecem na *República*, mesmo que o consenso seja de que elas foram encenadas previamente ao texto platônico, o que indicaria ao menos que propostas como o comunismo de bens e a inclusão política de mulheres eram questões debatidas entre os séculos V e IV AEC. Já Aristóteles faz uma síntese, a seu modo, das ideias políticas platônicas para erguer-se contrário a elas, expondo suas supostas falhas. No entanto, a apresentação também irá passar brevemente por outros autores que discutiram, usualmente em sentido negativo, as ideias propostas no diálogo platônico, como o orador romano Cícero em *Acadêmicas*, os neoplatônicos Plotino e Proclo em seus comentários e ainda o texto pouco conhecido e anônimo intitulado *Sobre a Ciência Política* do período bizantino. O objetivo é verificar que já na Antiguidade algumas pistas sobre o posicionamento político de Platão encontravam resistência em seus

---

<sup>12</sup> Doutorando em Filosofia pelo programa de pós-graduação em Filosofia da UFBA. Contato: carloscarvalhar@gmail.com

comentadores, o que leva a um cerceamento de suas ideias que influencia até mesmo a crítica atual, mantedora de uma interpretação usualmente aristotélica ou que defende a questão ética em detrimento da visão política, pontos de vistas que se constituem como a base da interpretação liberal dos comentadores platônicos contemporâneos.

Palavras-chave: Platão; Política; *República*.

## Jürgen Habermas e o progresso técnico-científico

Flávio Ferreira de Souza<sup>13</sup>

A sociedade moderna é marcada por grandes complexidades e peculiaridades de sua época. Na modernidade as características marcantes é a consolidação do capitalismo, o sistema econômico e o desenvolvimento técnico-científico. Entretanto, essa mesma sociedade se vê imersa num paradoxo, de um lado o progresso das ciências e de outro as crises éticas. Nisto, encontra-se a preocupação de filósofos, psicólogos, sociólogos, antropólogos e demais pesquisadores, que procuram definir o lugar da práxis no cotidiano ou a moralidade do agir humano. Assim, esta pesquisa reflete como J. Habermas analisa a racionalidade do progresso técnico-científico, na relação entre trabalho, interação linguisticamente mediada e a biotecnologia, sinalizando que a tecnologia atinge todas as esferas do mundo objetivo e subjetivo em escala global. Contudo, esse modelo de razão não consegue orientar questões práticas da vida humana. Pois, no fundo, essa tecnicidade científica “perdeu a inocência de uma pura força produtiva”, que seria a luta pela existência, para se transformar em uma ideologia de dominação. Mas em que medida a técnica e a ciência são consideradas forças ideológicas e não meros símbolos de progressos e consolidação da vida boa? Essa é uma questão que a comunicação procura responder, considerando o modo de produção capitalista, fundamentado na “industrialização do trabalho social” e a tecnocracia. Ao mesmo tempo, a pesquisa apresenta um segundo Habermas, mais humanista, preocupado com o desdobramento do progresso técnico-científico, principalmente a biotecnologia, para a qual o filósofo oferece suas contribuições, especialmente no campo da eugenia. Primeiramente, apresenta a problemática das práticas terapêuticas gênicas, isto é, tecnização da natureza humana no intuito de aperfeiçoá-la e servir ao livre mercado e aos interesses individuais, questões que impactam no futuro da moralização da própria natureza humana. Posteriormente, faz-se uma distinção entre dignidade humana, baseada na normatividade moral e jurídica, possível de consenso, e a dignidade da vida humana, enquanto transcendente aos limites da moralidade e se fixa na condição natural da existência em si. Por fim, sobre a questão da técnica e da ciência, discutem-se razões pelas quais o filósofo não se coloca na posição contrária ao seu desenvolvimento, mas apenas critica a elevação desse tipo de racionalidade em escala universal, às vezes, tomada como único critério de verdade. Desse modo, mostra-se que Habermas propõe um modelo de racionalidade orientada, a partir do uso da linguagem como médium em ações intersubjetivas objetivando o entendimento e o consenso racional.

---

<sup>13</sup> Mestrando em Filosofia pelo programa de pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientador: Prof. Dr. Leonardo Jorge Da Hora Pereira. Contato: flaviusouza007@gmail.com

Palavras-chave: Eugenia; Ciência; Ideologia; Técnica; Trabalho.

## Ponto de vista, elevação e consciência em Alberto Guerreiro Ramos

Igor Lucas Adorno Santos<sup>14</sup>

A condição colonial não consiste, apenas, na submissão de um país a um contexto político e econômico de exploração. Fato mais grave é o processo de construção de uma cultura subalterna pela assimilação acrítica de valores e perspectivas do explorador. A formulação de instrumentos de crítica, portanto, se torna um imperativo desses povos em condição subalterna. A derrocada de um modelo de Razão pretensamente universal, dando espaço para a compreensão contextual do significado e do conhecimento, trouxe à tona, de modo iniludível, o fato da legitimidade e dignidade de cada tradição e dos povos que as cultivam. Nesse contexto de modificação de perspectiva, surge a obra de Alberto Guerreiro Ramos, sociólogo brasileiro, voltada para a criação de meios intelectuais para a superação de nossa condição subalterna. Guerreiro Ramos formula um instrumental crítico para a recepção da produção teórica estrangeira. Sua *Redução Sociológica* é “atitude metódica que tem por fim descobrir os pressupostos referenciais, de natureza histórica, dos objetos e fatos da realidade social” (RAMOS, 1996, p. 71). Seu intuito é explicitar os elementos contextuais que oferecem contornos de significação aos objetos, fatos e ideias estrangeiros, permitindo-nos vislumbrar a teia referencial em que se inserem e quais papéis cumprem. Pretendemos, nesse trabalho, abordar o modo como Alberto Guerreiro Ramos, tematizando o processo de emancipação de países com passado colonial, que almejam o desenvolvimento (em particular, o Brasil), articula perspectivismo e historicização, de modo a explicitar as condições para o aparecimento da consciência crítica da própria realidade, condição para a conduta intelectual nomeada Redução Sociológica.

Palavras-chave: Consciência; Elevação; Filosofia Brasileira; Guerreiro Ramos; Perspectivismo; Pós-Colonialismo; Pós-Modernidade; Redução Sociológica.

## Nietzsche e Darwin: tensões e interseções entre genealogias

José Carlos Rocha Costa<sup>15</sup>

O naturalismo da filosofia de Nietzsche, em vários aspectos, pressupõe as consequências filosóficas fundamentais da teoria da evolução. Apesar desta constatação, Nietzsche foi um crítico enfático dos principais conceitos do pensamento científico de Charles Darwin. Principalmente, a recepção do darwinismo na Alemanha, cujas consequências na naturalização da moral encontramos nas teses de Paul Rée. O fato curioso é que aparentemente o filósofo não leu as principais obras do naturalista inglês – *The origin of species* e *The descent of man* –, como apontam as pesquisas mais recentes. A imagem do darwinismo do qual Nietzsche se apoiou tem como fundamento leituras indiretas de comentadores. De modo geral, encontramos nas obras de Nietzsche uma

<sup>14</sup> Mestrando em Filosofia pelo programa de pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientador: Prof. Dr. José Crisóstomo de Souza. Contato: iglucadorno@hotmail.com

<sup>15</sup> Mestrando em Filosofia pelo programa de pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientador: Prof. Dr. André Luís Mota Itaparica. Contato: carlos23412010@hotmail.com

postura de combate em relação ao darwinismo, mais precisamente, crítica àquilo que ele entendia por “darwinismo”. A genealogia do homem, feita por Darwin, trouxe uma grande contribuição para a ciência, como também, para as filosofias cientificamente informadas do século XIX. Ao introduzir a ideia da evolução por seleção natural, Darwin abriu o caminho para estudarmos os seres humanos e a cultura como estudamos as outras diversas espécies; como parte integrante da árvore da vida. Antes de Darwin, tínhamos uma concepção milenar a-histórica, arraigada na ideia da imutabilidade das espécies que pertenciam a grupos fixos, de origem divina e que tinham no homem a imagem de um ser hierarquicamente superior ao restante dos seres. É com essa ferramenta retrospectiva da genealogia iniciada por Darwin – cujas consequências são imprescindíveis para o sentido histórico no qual Nietzsche pensa sua genealogia da moral – que o filósofo alemão investiga as circunstâncias e as condições históricas em que o homem estabeleceu para si os valores morais. Apesar das tensões entre Nietzsche e Darwin, encontramos na filosofia do pensador alemão interseções importantes com a teoria da evolução. Pretendemos analisar algumas das críticas de Nietzsche ao darwinismo, bem como a incorporação das consequências filosóficas da teoria da evolução no pensamento de Nietzsche. Em suma, ficou evidente para nós, que um aspecto central da tensão entre os dois genealogistas se encontra na concepção de vida. Para Nietzsche, o darwinismo considera que o impulso básico da vida é a conservação, por outro lado, vida para Nietzsche significa o movimento de autossuperação contínua. Desta forma, o que se encontra por trás das críticas de Nietzsche a Darwin - nas noções de luta pela existência, seleção natural e desenvolvimento da moral a partir de impulsos altruístas - se encontra um antagonismo na concepção de vida entre os dois pensadores.

Palavras-chave: Darwinismo. Genealogia. Naturalismo. Nietzsche.

### **“Faz por ti que te ajudarei”, disse o deus mercado**

*Leonardo Rodrigues Almeida<sup>16</sup>*

No livro *Vida para consumo*, Zygmunt Bauman, de modo perspicaz e provocador, examina a passagem da chamada sociedade dos produtores para a dos consumidores. A primeira remonta ao século XVIII, período correspondente ao capitalismo em sua fase industrial. Diante da demanda fabril, a ocupação era de administrar os corpos, regulando-os e designando tarefas através do pretenso diferenciador de gênero (enquanto os homens eram produtores e soldados, as mulheres eram prestadoras de serviços). Aos inaptos para executar as tarefas, os chamados “anormais”, o poder disciplinar era executado de modo ortopédico a fim de ajustar as falhas do corpo-máquina e torná-lo útil à produção. Já a segunda diz respeito ao século XX, momento do capitalismo financeiro. Diferentemente dos produtores, os consumidores inaptos são incorrigíveis e culpados pelo seu próprio fracasso. Não importando ao juiz invisível os fatores externos para aplicar a sua sentença tácita. Levando em consideração este aspecto quase que divino, quiçá, a leitura exclusivamente econômica do capitalismo seja insuficiente para

---

<sup>16</sup> Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientadora: Profa. Dra. Juliana Aggio. Contato: leo.08.ra@gmail.com

captar seus meandros. Ele também pode e deve ser lido/visto em seus aspectos religiosos. Primeiro porque possui uma divindade à moda cristã (omnipotente, onisciente e omnipresente), a qual recompensa e castiga seus fiéis (leia-se consumidores) pela correspondência ou não da sua política de exclusão. Segundo porque exige sacrifícios dos seus seguidores para desfrutar do seu paraíso consumista. O terceiro aspecto corresponde aos seus santuários: os shopping centers e marketplaces. Neles, os pecadores podem se redimir, não confessando seus atos aos vendedores das lojas, mas dando o seu dízimo em troca de produtos. Ainda segundo Bauman, os consumidores devem moldar a si conforme as demandas de mercado, pois, desta maneira, se tornam mercadorias vendáveis e desejáveis. Portanto, as relações sociais se resumem, na sociedade de consumidores, às relações de consumo e para não serem colocados à margem, seus corpos devem estar em posse de apetrechos materiais e imateriais da moda.

Palavras-chave: consumo; neoliberalismo; Zygmunt Bauman.

### **Algumas considerações sobre as supostamente diferentes abordagens de Marx e de Engels sobre o método, chave interpretativa para a concepção de dialética para Engels**

*Luan Luiz Pereira Batista<sup>17</sup>*

Primeiramente, para Marx, e aqui não haverá, por motivo de espaço, como não ser reducionista, método é o procedimento empreendido pelo sujeito para se apreender o conteúdo, a dinâmica, a “vida” do objeto. Esse procedimento, na verdade, procedimentos, não é dado de maneira *a priori*, e é “ditado”, via de regra, pelo objeto – e isso não significa atribuir qualquer papel passivo ao sujeito que apreende o objeto. O fato de não ser dado *a priori*, o fato de Marx não aceitar que qualquer determinação do pensamento seja dada de maneira perpétua, faz com que as “categorias”, que historicamente na filosofia eram consideradas ou metafisicamente, ou de maneira transcendental, sejam consideradas como necessariamente históricas, como formas específicas e temporárias que expressam modos de ser de determinado objeto. Porém, ao assumir essa postura metodológica, Marx necessariamente pressupõe que sejam válidas algumas assertivas, sem as quais não faria sentido o empreendimento descrito. Dentre esses *pressupostos teórico-metodológicos*, destaca-se, por exemplo, a concepção geral de que ser é movimento – ou seja, de que há uma processualidade imanente e perpétua do ser –, de que o ser é anterior ao pensamento que o pensa, e a noção de que as categorias que descrevem o real se transformam também. Para Marx, em suma, método, no sentido geral, é esse empreendimento. Já, porém, os pressupostos que assume, não são, para ele, método em sentido estrito. Marx não o conceitua desta maneira. Pois bem, considera-se, aqui, que Engels compartilha completamente das concepções marxianas, ainda que, no trato conceitual, confunda ou misture as terminologias, sendo, neste aspecto, impreciso e acabe por gerar incompreensões. Método, para Engels, é, também, além do empreendimento descrito acima, os próprios *pressupostos teórico-metodológicos*. Método, neste último sentido, seria uma forma de pensamento, uma dentre outras. Ele se refere especificamente a

---

<sup>17</sup> Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientador: Profa. Dr. Vinícius dos Santos Contato: luantondichter@gmail.com

duas: o método metafísico, ou a forma metafísica de pensar, e o método dialético. O método dialético, diferentemente do metafísico, conceberia as coisas, os objetos, o real, como eternamente em movimento, em processo, de modo dinâmico. O metafísico, de modo estanque. O método dialético é uma forma de pensar, é um modo específico de funcionamento do pensamento. Para ele é a forma correta, pois o acúmulo positivo das ciências naturais de meados do século XIX davam conta de que tudo o que há no mundo é processo, está em constante movimento. Assumir essa forma de pensar, esse método dialético, é assumir, necessariamente, os mesmos *pressupostos teórico-metodológicos* de que falamos acima de Marx. Mas chamar ambas as coisas de método é um erro, acaba por gerar incompreensões. Quando Engels fala em “aplicar o método”, ele está falando de se assumir esses pressupostos teórico-metodológicos, sobretudo quando está em diálogo com os cientistas naturais da época, que não assumiam esses pressupostos, o que tinha consequências graves em seus afazeres científicos. Não está, portanto, considerando que existisse um método dado *a priori* e que bastaria aplicá-lo ao objeto para apreendê-lo, pelo contrário, está a se falar de pressuposições ontológicas.

Palavras-chave: dialética; dialética da natureza; Engels; Marx; método; ontologia.

## **Pele negra, digitopia e imagem (in)corpórea da diáspora**

*Luíze Santos Queiroz<sup>18</sup>*

A reflexão seguinte tem como interlocução o texto do cineasta John Akomfrah (2017) chamado digitopia e os espectros da diáspora, publicado originalmente como *Digitopia and the spectres of diáspora* em *Journal of media practice* fruto de uma conferência proferida pelo mesmo em julho de 2007 na Universidade de Exeter na Inglaterra. Nesta oportunidade exploraremos as encruzilhadas apresentadas pela questão da relação entre o digital e a diáspora no contexto do cinema e o doce delírio de uma ideia fruto desta relação nomeada digitópica. A digitopia por sua vez, se sustenta pelo desejo de uma imagem que fosse além dos tons corretos da sensometria padrão o que revoluciona a imagem e a constatação da incorporiedade das imagens da diáspora que a antecede. Este impulso digitópico nos conduz ao problema ensaiado sob uma série de questões que regurgitamos pela relevância, dentre elas, como pode alinhar ou realinhar a pele do filme à pele do sujeito diaspórico? Como escapar da tirania da sensometria, aos ritmos datados, às linguagens fossilizadas do cinema a passo que trava a luta urgente contra a escassez, pela sobrevivência, contra a soberania? A incerteza se os ritmos da vida pós-colonial seriam capazes de seduzir o aparentemente indestrutível maquinário do cinema se ainda temos a própria vida como questão em jogo. Outra dimensão da digitopia tem a ver com pensar o digital como um espaço de ontologia, de um devir epistemológico e político, também políticas de identidade e de raça. A união entre cinema e a diáspora, parece criar um sentido novo não só do que é o cinema, mas da maneira como podemos defini-lo. Esta, ilustrada em seu começo não através de Méliès mas por Jeremy Bentham com o panóptico tão bem explorado por Michel Foucault. Afinal, o cinema de 1890 estaria implicado em uma biopolítica com um cinema colonial, é fácil perceber seu momento eugênico encenado pelos travelogues (um tipo de gênero anterior aos documentários) nos

---

<sup>18</sup> Doutoranda em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientadora: Profa. Dra. Juliana Aggio. Contato: luizequeiroz@gmail.com

quais os corpos negros eram tanto objetos de fascinação quanto de náusea inquietante. Este momento de insatisfação inrompe em uma nova promessa da relação entre o eu e a imagem em que raça. Espaço e digital, transformarão um gesto pedagógico em posição filosófica.

Palavras-chave: Cinema; Diáspora; Digital; Digitopia.

## **Mundo e pluralidade: Heidegger, Jaspers e as bases existenciais-fenomenológicas da ontologia arendtiana**

*Marcus Gabriel Miranda Santos<sup>19</sup>*

Em meio ao percurso mais amplo de investigação da ontologia política de Hannah Arendt em suas bases histórico-filosóficas, o trabalho a ser aqui apresentado, que representa já um dos estágios intermediários daquela, trata de articular o sentido das interpretações da autora acerca do diálogo entre as tradições filosóficas moderna e contemporânea. Nesse contexto, busco, sobretudo, situar o caminho que leva a autora a formular, um tanto quanto dispersamente em seu pensamento, uma nova ontologia baseada fundamentalmente nas categorias fundamentais de *mundo e pluralidade*. Destacam-se, nessa dinâmica, as apropriações críticas que a autora empreende do pensamento de dois autores formadores de sua própria compreensão de mundo e do filosofar: Martin Heidegger e Karl Jaspers. O primeiro dos quais, apesar do tradicional subjetivismo diagnosticado pela autora em sua filosofia, é responsável por uma concepção inovadora da noção de mundo enquanto espaço humano de abertura do sentido de ser, esfera à qual o ser humano está ontologicamente ligado, e não apenas sobreposto. O segundo, defensavelmente o fundador do existencialismo contemporâneo, é, por sua vez, fundamental para a autora precisamente na superação do subjetivismo e/ou individualismo a que essa corrente filosófica pode estar ainda sujeita, rumo a uma ontologia intersubjetivamente fundada.

Palavras-chave: Contemporaneidade; Hannah Arendt; Heidegger; Jaspers; Ontologia.

## **A noção de raça, o homem e os monstros em Achille Mbembe e Michel Foucault**

*Rafael Borges da Silva Vitorio<sup>20</sup>*

Em *Crítica da razão negra*, Achille Mbembe conduz o seu pensamento crítico da Modernidade atravessando as noções de raça e negro. A noção de raça permitia representar as humanidades não europeias. O signo negro é sinônimo de raça e ambos são mercadoria e subsolo negado do projeto moderno de conhecimento e de governo. Segundo Mbembe, enquanto fato natural físico, antropológico

---

<sup>19</sup> Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientador: Prof. Dr. Leonardo Jorge Da Hora Pereira. Contato: marcus-\_@hotmail.com

<sup>20</sup> Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientadora: Profa. Dra. Juliana Aggio. Contato: rafahelvitorio@gmail.com

ou genético, a raça não existe. Ela não passa de uma ficção útil. O negro não existindo como tal, é constantemente produzido num vínculo social de sujeição. Ao longo do século XVIII e XIX, paralelamente aos regimes de dominação como o colonialismo e escravagismo, entraram em cena vários discursos de verdade acerca da natureza, das populações e das formas de vida, diferenciadas em termos de espécies, gêneros ou raças e classificadas verticalmente. Demonstrando como o sistema colonial e mais amplamente, o mundo ocidental produziu verdades, e verdades sobre as diferentes raças, Mbembe aponta como o negro e a África foram classificados enquanto desprovidos de razão, reduzidos a animalidade e ao sensibilibismo. O filósofo camaronês se inscreve como herdeiro do pensamento crítico de Michel Foucault, ao revistar algumas das noções trabalhadas pelo filósofo francês. Foucault, em sua fase arqueológica, demonstra como pelo saber o surgimento do “homem” se fez possível, como por meio dele abriu-se um espaço para o surgimento das ciências humanas e do que podemos entender atualmente como Modernidade. O surgimento do “homem” na história foi um dos responsáveis para o estabelecimento da ordem, da classificação e da constituição das coisas. Numa descrição sobre a classificação dos seres vivos em *As palavras e as coisas*, Foucault demonstra a figura do “monstro” como aquela que “narra, como em caricatura, a gênese das diferenças”. Mbembe amplia essa discussão, empregando a alegoria do monstro na representação do sujeito racial. O monstro é puramente o arquétipo do diferente, do aberrante, do anormal e antinatural, mas que ainda assim está inscrito no plano universal do ser, na constante produção do ser Outro, da subespécie na categoria humano. Assim, pretende-se apresentar a partir de Foucault, como o “homem” e “os monstros” foram possíveis pelo saber, e por conseguinte, explicar as dimensões que a noção de raça carrega, por meio de Mbembe.

Palavras-chave: Achille Mbembe; Homem; Michel Foucault; Monstro; Raça.

## A genealogia do Estado e o Direito em Nietzsche

Renel Albuquerque da Silva<sup>21</sup>

Com o auxílio epistemológico da filosofia de Nietzsche, o presente trabalho busca compreender a origem do Estado e do direito. Procura, assim, sair da rota histórica hegemônica das narrativas do Estado e do direito. Basta folhear as dogmáticas jurídicas para perceber a ausência de Nietzsche como figura importante da teoria do Estado, bem como nos manuais de filosofia do direito. Nosso autor não faz parte do cânon dos filósofos do direito nem dos estudiosos da teoria do Estado. Nossa intenção de classificar Nietzsche como filósofo do direito e teórico do Estado não é para promover páginas sobre a filosofia nietzschiana nos manuais jurídicos ou teoria do Estado. Mas porque a filosofia do direito de Nietzsche, a nosso ver, “brinca” com as verdades jurídicas, desestabiliza os fundamentos do Estado – contrato –, inaugura conceito (vontade de potência) que permitem suspeitar dos dogmas infalíveis do direito como o livre-arbítrio e a responsabilidade. A origem do Estado e do direito em Nietzsche encontra-se na terra, no corpo; foi na carne e sangue que encontrarmos as gêneses camufladas do Estado, direito. Nesse sentido, analisamos o método genealógico nietzschiano para então escavar o passado, não em nome de estabelecer uma nova verdade, mas de saber o que nos tornamos, bem como nossas instituições “sagradas” e “democráticas”.

---

<sup>21</sup> Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientador: Prof. Dr. André Luís Mota Itaparica. Contato: reuelalbuquerque@hotmail.com

Palavras-chave: direito; Estado; Genealogia; método genealógico

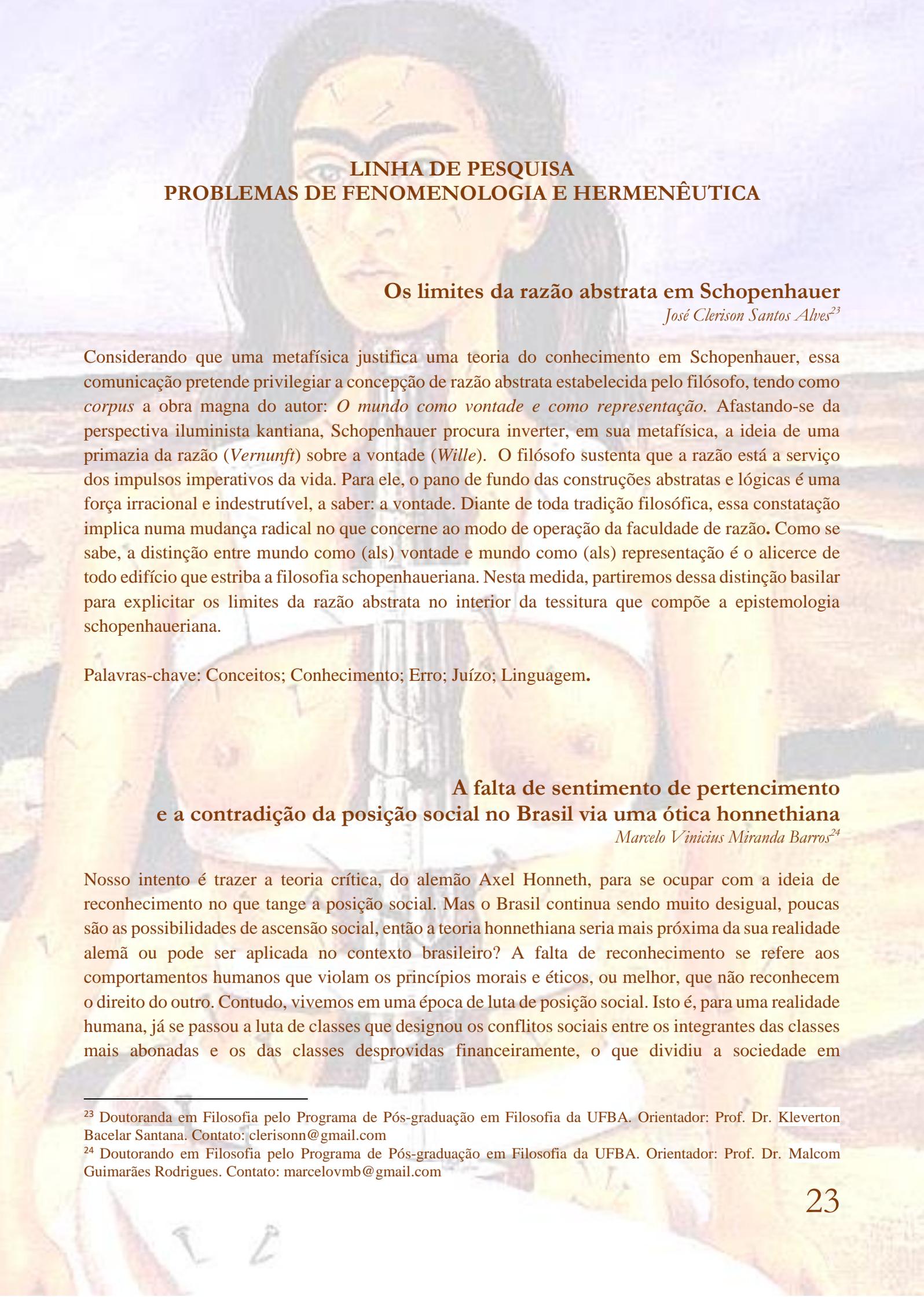
## Democracia capitalista e liberdade: antítese ou paradoxo?

Simone Borges dos Santos<sup>22</sup>

Pensar em democracia suscita imediatamente a ideia de liberdade. Sistema de governo em que os indivíduos têm livre escolha sobre suas decisões; argumentos contra o aprisionamento de pessoas deveriam ser estabelecidos. Entretanto, percebe-se uma articulação entre instituições carcerárias com ideologias democráticas neoliberais contrapostas contra a ameaça do terror. Uma democracia que se alimenta do projeto de estender liberdade a alguns em detrimento da liberdade de outros. Negando liberdade principalmente às pessoas de descendência africana, sujeitando-as à escravização. A abolição da escravidão não possibilitou ao povo negro a sensação de liberdade nem a existência de uma vida digna, livre de trabalhos forçados e punições. Sem emprego, sem escolarização, sem lar, a liberdade do mundo das ideias, jamais fora alcançada, ainda que remotamente, no campo do sensível. No Brasil, assim como nos Estados Unidos, instituiu-se leis impostas apenas às pessoas de cor. Vadiagem, mendicância, desemprego, embriaguez, capoeira, atos ofensivos são alguns exemplos que levariam negros diretamente às prisões. Du Bois (1998), em *Black reconstruction in America*, relata que negros eram presos por qualquer motivo e recebiam longas sentenças pelas quais eram obrigados a trabalhar como se fossem escravos ou servos contratados novamente. A imagem do negro associada à animalidade e agressividade; indivíduos sujeitados à marginalização e criminalização; racismo eminente, tornam-se justificativas suficientes para punir essas pessoas, que são transgressoras, ameaçadoras da paz e da tranquilidade das famílias de bem. Para Angela Davis, as concepções da democracia capitalista estão contaminadas pela exclusão racial e intrinsecamente vinculada ao aprisionamento, cujas instituições peculiares são fomentadas pela interdependência entre racismo e capitalismo. Aprisionamento e encarceramento como punição faz todo sentido em uma sociedade que supostamente respeita direitos e liberdades individuais. Utilizando-se do mito da “guerra às drogas”, observamos diferenças das abordagens policiais entre o público de uma festa na favela e uma *rave*. A fiscalização mais ostensiva nas comunidades racializadas leva um grande número de pretas e pretos pobres às prisões. No imaginário popular, essas comunidades são mais perigosas e a detenção dessas pessoas torna a sociedade mais segura. Mas, se o encarceramento de seres humanos traz segurança aos indivíduos, porque as taxas de violência não diminuem e, mesmo assim, observamos a construção de mais presídios? E por que não conseguimos imaginar nossas vidas sem a presença das prisões? O que aqui propomos é utilizarmos a imaginação que estruture uma sociedade antirracista, cuja justiça seja pautada na restauração, ao invés de punição e retaliação.

Palavras-Chave: Abolicionismo penal; Angela Davis; Democracia; Liberdade.

<sup>22</sup> Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientadora: Profa. Dra. Juliana Aggio. Contato: simone.bsantos72@gmail.com



## LINHA DE PESQUISA PROBLEMAS DE FENOMENOLOGIA E HERMENÊUTICA

### Os limites da razão abstrata em Schopenhauer

*José Clerison Santos Alves<sup>23</sup>*

Considerando que uma metafísica justifica uma teoria do conhecimento em Schopenhauer, essa comunicação pretende privilegiar a concepção de razão abstrata estabelecida pelo filósofo, tendo como *corpus* a obra magna do autor: *O mundo como vontade e como representação*. Afastando-se da perspectiva iluminista kantiana, Schopenhauer procura inverter, em sua metafísica, a ideia de uma primazia da razão (*Vernunft*) sobre a vontade (*Wille*). O filósofo sustenta que a razão está a serviço dos impulsos imperativos da vida. Para ele, o pano de fundo das construções abstratas e lógicas é uma força irracional e indestrutível, a saber: a vontade. Diante de toda tradição filosófica, essa constatação implica numa mudança radical no que concerne ao modo de operação da faculdade de razão. Como se sabe, a distinção entre mundo como (als) vontade e mundo como (als) representação é o alicerce de todo edifício que estriba a filosofia schopenhaueriana. Nesta medida, partiremos dessa distinção basilar para explicitar os limites da razão abstrata no interior da tessitura que compõe a epistemologia schopenhaueriana.

Palavras-chave: Conceitos; Conhecimento; Erro; Juízo; Linguagem.

### A falta de sentimento de pertencimento e a contradição da posição social no Brasil via uma ótica honnethiana

*Marcelo Vinicius Miranda Barros<sup>24</sup>*

Nosso intento é trazer a teoria crítica, do alemão Axel Honneth, para se ocupar com a ideia de reconhecimento no que tange a posição social. Mas o Brasil continua sendo muito desigual, poucas são as possibilidades de ascensão social, então a teoria honnethiana seria mais próxima da sua realidade alemã ou pode ser aplicada no contexto brasileiro? A falta de reconhecimento se refere aos comportamentos humanos que violam os princípios morais e éticos, ou melhor, que não reconhecem o direito do outro. Contudo, vivemos em uma época de luta de posição social. Isto é, para uma realidade humana, já se passou a luta de classes que designou os conflitos sociais entre os integrantes das classes mais abonadas e os das classes desprovidas financeiramente, o que dividiu a sociedade em

---

<sup>23</sup> Doutoranda em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientador: Prof. Dr. Kleverton Bacelar Santana. Contato: clerisonn@gmail.com

<sup>24</sup> Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientador: Prof. Dr. Malcom Guimarães Rodrigues. Contato: marcelovmb@gmail.com

proprietários, a burguesia, e trabalhadores, o proletariado. Para Vincent de Gaulejac, na modernidade atual, essas classes não continuaram tão nítidas assim, pois há uma *aparência* cada vez maior da mudança de lugar dos indivíduos brasileiros na sociedade. Essa variação gradativa, a passagem sutil e fluída de uma posição para outra, confundem indivíduos na estratificação social, não se reconhecendo mais como pertencente a um grupo, mas sim como categorias dessocializadas. Isto é, o Brasil permanece se constituindo muito desigual, com insuficientes possibilidades de elevação social, mas, de acordo com Honneth, há uma ideologia que permeia a nossa estrutura social e que é operacionada pelo capitalismo que se diz flexível, isso na acepção de que o indivíduo acredita poder obter um sucesso ao mesmo tempo em que se mostra a real impossibilidade de um caráter emancipador. Sobre isso, Honneth usa o termo “contradição”, porque, para esse filósofo, uma contradição é paradoxal quando, por meio da concretização almejada de uma intenção, a probabilidade de se ver essa intenção se tornar realidade é reduzida. Portanto, se o reconhecimento diz respeito a um indivíduo ou grupo que reivindica um sentimento de pertencimento, o afastamento da invisibilidade social e, por outro lado, o mesmo sentimento oriundo da fluidez da posição social permite expressar o individualismo que caracteriza a fragilidade do indivíduo frente a incerteza da vida, como viabilizar o reconhecimento honnethiano, já que não se trata mais de consciência de classe, mas de consciência de posição social? Na disputa com o outro, o indivíduo se contradiz ao acreditar que pela *fluidez* pode alcançar novos voos ao mesmo tempo em que crer ser *fixo* o que conseguir alcançar.

Palavras-chave: Consciência de classe; Honneth; Realidade humana; Posição social; Teoria do reconhecimento no Brasil.

### **O cinema e a potência do pensamento imagético: uma investigação ontológica, de Virginia Woolf a Gilles Deleuze**

*Maria Cândida Neres Batista<sup>25</sup>*

O objetivo deste estudo é a investigação ontológica do cinema enquanto expressão singular de pensamento, inspirada por Virginia Woolf e sob a perspectiva da filosofia de Gilles Deleuze. Para tanto, utilizaremos como aporte teórico o ensaio *O Cinema* (2017), no qual Woolf defende a autonomia conceitual da sétima arte, afirmando a necessidade da consolidação e valorização dos elementos que garantem sua alteridade perante as demais representações artísticas, bem como as obras *Imagem Movimento* (1983) e *Imagem Tempo* (2013), de Gilles Deleuze, nas quais o filósofo conceitua acerca do cinema enquanto expressão de pensamento. Partiremos do questionamento mais elementar, mas não menos complexo, a saber: o que é a imagem cinematográfica, no intento de evidenciar o modo como o cinema lida com o pensamento através da construção de imagens, ou seja, a relação entre cinema e pensamento, para compreender como os elementos inerentes à construção cinematográfica podem possibilitar a sua autonomia conceitual perante as demais representações artísticas.

Palavras-chave: cinema; pensamento; ontologia.

---

<sup>25</sup> Mestranda em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientadora: Profa. Dra. Rosa Gabriella de Castro Gonçalves. Contato: mcandidaneres@gmail.com

## O papel da linguagem na definição da continuidade e da ruptura entre as condições humana e animal em Condillac

Mariana Moreira da Silva<sup>26</sup>

Neste texto pretendo analisar, ainda que de maneira inicial, algumas considerações de Condillac sobre a linguagem em três diferentes obras, a saber: o *Ensaio sobre a origem dos conhecimentos humanos* (1746), o *Tratado das Sensações* (1754) e o *Tratado dos Animais* (1755). No *Ensaio*, o filósofo acredita que a ligação das ideias é o princípio capaz de explicar a origem e o desenvolvimento do nosso âmbito cognitivo e, por sua vez, essa ligação só se faz possível com base no uso dos signos. Diferentemente, no *Tratado das Sensações*, obra fundamentada no âmbito pré-linguístico, as sensações de prazer e dor não só são responsáveis por originar e desenvolver ideias e capacidades mentais, mas também operam como guias práticos das ações dos homens e dos animais, nos conduzindo no sentido de buscar o prazer e evitar a dor. Desse modo, existe ligação de ideias, mas esta é orientada pelo princípio do prazer, que no referido *Tratado* não encontra auxílio dos signos. Já no *Tratado dos Animais*, Condillac, por um lado, aproxima homem e animal com base nas sensações de prazer e dor, o que sugere compreendê-los como seres pertencentes à mesma condição, enquanto que, por outro lado, a partir do momento em que o filósofo tece considerações sobre a linguagem dos animais, essa aproximação entre homens e animais começa a ser nuançada. É a partir daí que Condillac afirma uma diferença de natureza entre ambos, o que introduziria um afastamento radical dos homens em relação àqueles, dando lugar a uma ruptura entre ambas as condições. Assim, o propósito desta análise é saber como a linguagem é compreendida nas referidas obras e o papel dela na definição da continuidade e da ruptura entre homens e animais.

Palavras-chave: animal; continuidade; homem; linguagem; ruptura.

## A mundanidade do mundo em *Ser e Tempo*: o *Dasein* como formador de mundo

Natan Luiz Neri de Souza<sup>27</sup>

Heidegger, em *Ser e tempo*, elenca a elaboração de um conceito de mundo como uma tarefa a ser encarada pela ontologia fundamental. O filósofo procura afastar-se da ambiguidade do termo “mundo” recorrendo à questão que a problemática ontológica impõe: “uma ideia explícita de mundo em geral”. Esta ideia de mundo não se encontra nos elementos naturais ou nos entes simplesmente dados, pois, mundo, para Heidegger, já é em si mesmo um constitutivo do *Dasein*, de modo que o *Dasein* é

<sup>26</sup> Doutoranda em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientadora: Profa. Dra. Carlota Ibertis. Contato: marifilosofia@gmail.com

<sup>27</sup> Mestrando em filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientadora: Profa. Dra. Acylene Maria Cabral Ferreira. Contato: natanluizneri@gmail.com

caracterizado essencialmente como ser-no-mundo. Para Heidegger, quando se coloca a questão do “mundo” enquanto simplesmente dado, o que está subtendido na própria questão é a mundanidade do mundo que é uma determinação existencial do *Dasein*, portanto, não deve ser confundido com algo subjetivo. A mundanidade é apresentada como um conceito ontológico-existencial que, não é somente a estrutura de um momento constitutivo do ser-no-mundo, bem como, é um horizonte antecipativo (*a priori*) para a existência fática do *Dasein*. Com isso, surge para nós a seguinte questão: se o conjunto de entes intramundanos simplesmente dados e disponíveis em um espaço previamente dado são insuficientes para constituir ontologicamente o mundo e, por outro lado, mundo não é algo “subjetivo” do *Dasein*, nos perguntamos, como se constitui a mundanidade do mundo? Procuraremos responder esta questão tendo em vista que Heidegger em sua obra *Conceitos fundamentais de metafísica: mundo, finitude e solidão*, que se trata de uma preleção ministrada no semestre de inverno de 1929-1930, apresenta a tese que o *Dasein* é formador de mundo. Desse modo, procuraremos compreender o fenômeno de mundo, a partir dos pressupostos levantados. Isto é, fenomenologicamente mundo não deve ser reduzido a algo subjetivo, no sentido que se forma a partir da consciência ou pela subjetividade de um sujeito, tampouco, deve ser reduzida a um realismo, no qual a consciência ou sujeito se forma a partir do mundo. Na medida em que respondermos à questão central deste estudo, será possível constatar de forma fundamentada se, a partir de *Ser e tempo*, podemos considerar o *Dasein* como formador de mundo.

Palavras-chave: *Dasein*; mundo; mundanidade.

## Cioran e o Ceticismo

Rui Benevides Prates<sup>28</sup>

A obra de Emil Cioran, sobretudo em seu período francês, é constantemente relacionada a uma visão cética do mundo. O próprio filósofo romeno ressaltava essa ligação ao indicar o ceticismo como um dos elementos preponderantes em seu pensamento. Contudo, por deliberadamente não se vincular a qualquer tendência abalizada pela tradição, torna-se necessário investigar o modo com que o tema do ceticismo foi apresentado e desenvolvido em sua filosofia. Esta investigação deve contribuir inclusive para a compreensão da proposta filosófica cioraniana. Neste sentido, a intenção do presente artigo é iniciar a revisão ordenada dos usos que o pensador romeno fez do ceticismo, indicando em que medida é possível associar a obra de Cioran a uma filosofia cética. O intuito é reforçado por duas grandes razões: I) o tema do ceticismo apresenta centralidade no conjunto da obra cioraniana, fato anunciado pelo próprio autor; II) até o presente momento, as exposições sobre as particularidades do tema na filosofia de Cioran não foram suficientemente abrangentes para demonstrar a sua integral relevância. Separamos a análise em duas partes, fundamentadas sobre os momentos da obra cioraniana. Contudo, como será desenvolvido, gostaríamos de destacar a continuidade entre os dois momentos, a despeito das nuances ressaltadas progressivamente no decorrer dos tópicos. A primeira parte se refere à fase romena de Cioran, como se sabe, período em que escreveu textos em sua língua materna. Nele,

---

<sup>28</sup> Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientador: Prof. Dr. Kleverton Bacelar Santana. Contato: ruibrates@gmail.com

pretendemos demonstrar como o tema do ceticismo foi introduzido por Cioran e o que significa o seu autodeclarado “estranho ceticismo”. Já na segunda parte trataremos da fase francesa (período em que o filósofo adotou o francês em suas obras) e os diversos aspectos que o ceticismo assumiu nesse momento. A observação destes aspectos foi estimulada pelos apontamentos de outros pensadores que se ocuparam da obra cioraniana e levantaram problemas, tais quais: o ceticismo no período francês constitui um ponto de virada na filosofia de Cioran (uma *Kehre*)? Qual a especificidade da sua postura filosófica? O pensamento de Cioran conduz ao niilismo? O que propõe a sua filosofia? Norteados por essas questões, intentamos oferecer um quadro amplo da perspectiva cioraniana sobre o ceticismo. Considerando a vastidão do problema que atravessa toda a obra do autor, pretendemos realizar neste trabalho um exercício introdutório que sumarie e discuta os seus diversos aspectos.

Palavras-chave: Cioran; ceticismo; pessimismo.

### **Arqueologia foucaultiana das ciências humanas**

*Sandro dos Santos Nogueira<sup>29</sup>*

O objeto desta pesquisa é investigar as condições de possibilidade das ciências humanas no pensamento de Michel Foucault (1926-1984). Para que isso ocorra, nos limitaremos a análise de algumas principais teses encontradas no capítulo X da obra *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Nesse sentido, buscar-se-á descrever como se apresenta o estatuto epistemológico das ciências humanas na modernidade e de que forma podemos compreender a sua constituição a partir de uma interpretação foucaultiana.

Palavras-chave: Arqueologia; Ciências Humanas; Foucault.

### **Freud, Damásio e os limites e possibilidades de uma neurobiologia das pulsões**

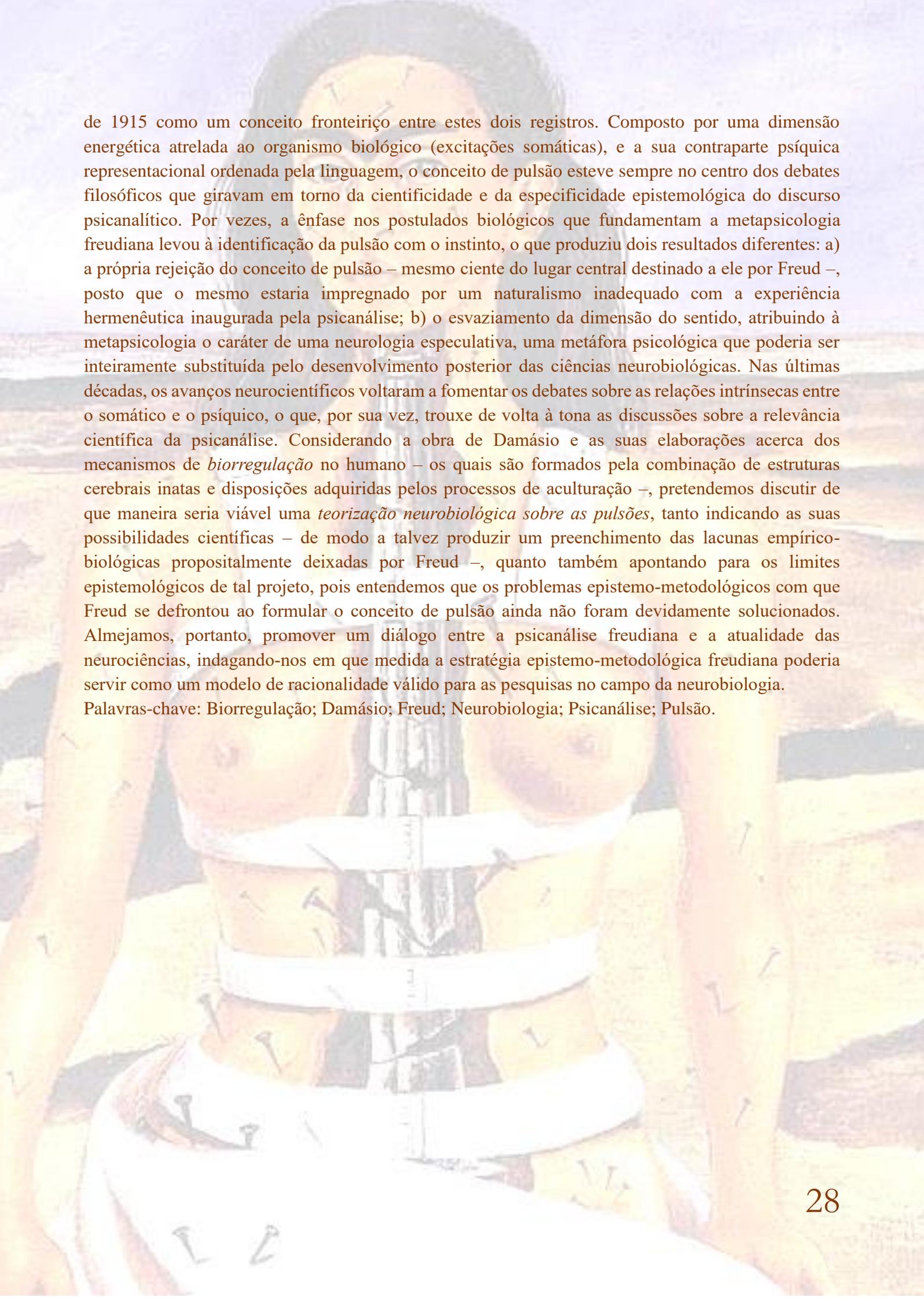
*Yonetane de Freitas Tsukuda<sup>30</sup>*

A teoria da *pulsão* (*Trieb*) foi sempre tratada por Freud com bastante cautela: mesmo sendo considerado um conceito metapsicológico fundamental, Freud admitia que a pulsão estava envolta em obscuridade, apresentando o estatuto de uma convenção – uma construção teórica auxiliar e provisória – que poderia ser substituída sem prejuízos caso o desenvolvimento científico demonstrasse a sua prescindibilidade. Em verdade, a pulsão explicitava a tentativa freudiana de resolução epistemometodológica da articulação do somático e do psíquico, sendo definida nos artigos metapsicológicos

---

<sup>29</sup> Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientador: Prof. Dr. Kleverton Bacelar Santana. Contato: sandrosnogueira@gmail.com

<sup>30</sup> Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFBA. Orientadora: Profa. Dra. Carlota Ibertis. Contato: tsukuda.yonetane@gmail.com



de 1915 como um conceito fronteiro entre estes dois registros. Composto por uma dimensão energética atrelada ao organismo biológico (excitações somáticas), e a sua contraparte psíquica representacional ordenada pela linguagem, o conceito de pulsão esteve sempre no centro dos debates filosóficos que giravam em torno da cientificidade e da especificidade epistemológica do discurso psicanalítico. Por vezes, a ênfase nos postulados biológicos que fundamentam a metapsicologia freudiana levou à identificação da pulsão com o instinto, o que produziu dois resultados diferentes: a) a própria rejeição do conceito de pulsão – mesmo ciente do lugar central destinado a ele por Freud –, posto que o mesmo estaria impregnado por um naturalismo inadequado com a experiência hermenêutica inaugurada pela psicanálise; b) o esvaziamento da dimensão do sentido, atribuindo à metapsicologia o caráter de uma neurologia especulativa, uma metáfora psicológica que poderia ser inteiramente substituída pelo desenvolvimento posterior das ciências neurobiológicas. Nas últimas décadas, os avanços neurocientíficos voltaram a fomentar os debates sobre as relações intrínsecas entre o somático e o psíquico, o que, por sua vez, trouxe de volta à tona as discussões sobre a relevância científica da psicanálise. Considerando a obra de Damásio e as suas elaborações acerca dos mecanismos de *biorregulação* no humano – os quais são formados pela combinação de estruturas cerebrais inatas e disposições adquiridas pelos processos de aculturação –, pretendemos discutir de que maneira seria viável uma *teorização neurobiológica sobre as pulsões*, tanto indicando as suas possibilidades científicas – de modo a talvez produzir um preenchimento das lacunas empírico-biológicas propositalmente deixadas por Freud –, quanto também apontando para os limites epistemológicos de tal projeto, pois entendemos que os problemas epistemo-metodológicos com que Freud se defrontou ao formular o conceito de pulsão ainda não foram devidamente solucionados. Almejamos, portanto, promover um diálogo entre a psicanálise freudiana e a atualidade das neurociências, indagando-nos em que medida a estratégia epistemo-metodológica freudiana poderia servir como um modelo de racionalidade válido para as pesquisas no campo da neurobiologia.

Palavras-chave: Biorregulação; Damásio; Freud; Neurobiologia; Psicanálise; Pulsão.



# PROGRAMAÇÃO

## SEMINÁRIO DE PESQUISA EM FILOSOFIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA

Informações: <https://2seminariodepesquisappgfufba2021.art.blog/>

Fundo, Frida Kahlo, *Coluna Partida*, 1944

### Dia 26/10 (terça-feira)

14h – 15h30

**Palestra de abertura**

**Prof. Filipe Augusto Campello de Melo (UFPE)**

Arte e (não) reconhecimento

**Alan Brandão de Moraes:** Consciência da Liberdade em Hegel e o Atlântico Negro

16h – 17h30

**Mesa 1**

**Flávio Ferreira de Souza:** Jurgen Habermas e o progresso técnico-científico

**André Figueiredo Brandão:** A ontologia da vida cotidiana: contribuições e limites da análise lukacsiana

16h – 17h

**Mesa 2**

**Gilson Damasceno Linhares:** O problema da representação em Tomás de Aquino

**Saulo Matias Dourado:** Como conhecer o que está para além dos sentidos? Uma questão em Tomás de Aquino

### Dia 27/10 (quarta-feira)

13h30 – 15h

**Mesa 3**

**Natan Luiz Neri de Sousa:** A mundanidade do mundo em *Ser e Tempo*: o *Dasein* como formador de mundo

**Sandro dos Santos Nogueira:** Arqueologia foucaultiana das ciências humanas

**Yonetane de Freitas Tsukuda:** Freud, Damásio e os limites e possibilidades de uma neurobiologia das pulsões

13h30 – 15h

**Mesa 4**

**Guillermo Nigro Puente:** Descartes: pureza del método y el conocimiento de la "naturaleza" de un problema geométrico

**Juan Erle Cunha de Oliveira:** A ontologia no *Tractatus*

**Rodrigo Gottschalk Sukerman Barreto:** A dimensão positiva do silenciamento epistêmico

15h20 – 16h50

**Mesa 5**

**Luan Luiz Pereira Batista:** Algumas considerações sobre as supostamente diferentes abordagens de Marx e de Engels sobre o método, chave interpretativa para a concepção de dialética para Engels

**Igor Lucas Adorno Santos:** Ponto de vista, elevação e consciência em Alberto Guerreiro Ramos

**Marcus Gabriel Miranda Santos:** Mundo e pluralidade: Heidegger, Jaspers e as bases existenciais-fenomenológicas da ontologia arendtiana

15h20 – 16h50

**Mesa 6**

**Maria Cândida Neres Batista:** O cinema e a potência do pensamento imagético: uma investigação ontológica, de Virginia Woolf a Gilles Deleuze

**Mariana Moreira da Silva:** O papel da linguagem na definição da continuidade e da ruptura entre as condições humana e animal em Condillac

**Rui Benevides Prates:** Cioran e o Ceticismo

17h10 – 18h40

**Mesa 7**

**Carlos Augusto de Oliveira Carvalho:** Contra Platão: a crítica à *República* na Antiguidade

**Marcelo Vinicius Miranda Barros:** A falta de sentimento de pertencimento e a contradição da posição social no Brasil via uma ótica honnethiana

17h10 – 18h40

**Mesa 8**

**Aglaé Caroline Santos Carneiro:** *Homo Sacar Poenalis*: A (des)contituição do sujeito bio-tanato-necropolítico nos sistemas penais contemporâneos

**Luize Santos de Queiroz:** Pele negra, digitopia e imagem (in)corpórea da diáspora

**Simone Borges dos Santos:** Democracia capitalista e liberdade: antítese ou paradoxo

**Dia 28/10 (quinta-feira)**

14h30 – 16h

**Mesa 9**

**José Carlos Silva Rocha Costa:** Nietzsche e Darwin: tensões e interseções entre genealogias

**Mônica Souza de Oliveira:** O perspectivismo nietzschiano sob a ótica da vontade de potência

**Reuel Albuquerque da Silva:** A genealogia do Estado e do direito em Nietzsche

14h30 – 16h

**Mesa 10**

**Ana Lúcia dos Santos e Santos:** Governo e prática de liberdade em Foucault

**Leonardo Rodrigues Almeida:** Faz por ti que te ajudarei?, disse o deus mercado

**Rahfa Borges da Silva Vitória:** A noção de raça, o homem e os monstros em Achille Mbembe e Michel Foucault

14h30 – 15h30

**Mesa 11**

**José Clérison Santos Alves:** Os limites da razão abstrata em Schopenhauer

**Alex Nascimento Andrade dos Santos:** O suicídio altruísta: o sacrifício por amor puro na filosofia de Schopenhauer

16h30 – 18h

**Palestra de encerramento**

**Profa. Caroline Vasconcelos (UESB)**

“A coluna partida”: corpo e padecimento à luz de Heidegger e de Frida Kahlo

